

Professora: RuteMara Florencio

Escola Estadual Presidente Tancredo Neves – Boa Vista/RR

### **Título**

Processos migratórios e migrantes em Roraima: O Passado cruzando o Presente

### **Resumo**

Este trabalho foi desenvolvido nos 4 bimestres do ano letivo de 2016 por 50 alunos do 3º ano do Ensino Médio da Escola Pres Tancredo Neves em Boa Vista, Roraima, e teve como tema norteador a história do estado. A partir da temática geral, elegemos os processos migratórios como recorte temático, pois esses processos trouxeram milhares de pessoas para Roraima entre as décadas de 1980 e início dos anos 2000 assim como vem ocorrendo atualmente com milhares de pessoas vindas da Venezuela. Assim, buscando contextualizar os processos migratórios atuais com os processos migratórios passados, construímos com os alunos um projeto de pesquisa em que o objetivo geral foi o de descobrir os motivos que fizeram e fazem as pessoas se deslocarem de seus estados ou países de origem e virem para Roraima. Após a construção do projeto de pesquisa e já com a fundamentação teórica tendo sido construída no estudo da história de Roraima, os alunos foram a campo utilizando a metodologia da História Oral. Nessa fase, coletaram os dados, fizeram a análise deles e realizaram diversas atividades em sala de aula (e fora dela) para aprofundarem as aprendizagens históricas a respeito do assunto. Os resultados da pesquisa dos alunos mostraram que os migrantes das décadas passadas vieram em busca de uma vida melhor e mesmo da sobrevivência, assim como os migrantes venezuelanos atuais. Tal processo de trabalho pedagógico resultou em dois tipos de produção realizadas pelos alunos: um minidocumentário e uma narrativa literária contando a história dos migrantes entrevistados e que foram reunidas no livro *Histórias Cruzadas*. Esse livro foi apresentado à comunidade escolar, familiares e participantes da pesquisa em uma festa de lançamento organizada pela escola em uma livraria da cidade de Boa Vista, onde os alunos autografaram a obra apresentando à sociedade roraimense o resultado de um trabalho escolar significativo, atual e necessário para a compreensão da história de Roraima e da realidade que nos cerca.

### **Planejamento**

A inserção da história local no planejamento anual da disciplina de História/Ensino Médio (EM) em 2016 adveio de um pedido dos alunos (por questões de vestibular) como também pela experiência que vivenciei em outros anos ao dar aula no 9º ano do Ensino Fundamental II (EF II). Nesse sentido observei alguns preconceitos dos alunos dessa etapa em relação ao estado, com uso de palavras pejorativas (relativas à origem das pessoas que aqui viviam), além do desconhecimento histórico e da formação social que caracterizam Roraima. Assim, passei a trabalhar a história do estado no EF II, considerando aprofundar o tema no Ensino Médio (como atualmente faço). Meu desejo é que os alunos, ao estudarem a história de Roraima, possam valorizar sua identidade enquanto roraimenses, ao mesmo tempo que entendam que essa identidade se fez a partir de várias outras identidades. Desse modo, planejei para o ano letivo de 2016 desenvolver o projeto Processos migratórios e migrantes em Roraima: O Passado como Presente. Tal recorte temático a respeito dos processos migratórios foi escolhido a partir de duas questões: 1. O estado de RR é um estado de migrantes onde quase 50% da população local é de migrantes e, grande parte dos alunos das escolas públicas são roraimenses filhos de migrantes; 2. Desde meados de 2015, Roraima vem passando por um novo processo migratório, onde milhares de Venezuelanos vem chegando ao estado em busca de emprego, comida e abrigo devido à crise política, econômica e social do país fronteiriço. Essa situação foi levada à sala de aula pelos alunos que questionavam a concorrência que esses migrantes fariam com eles ao

buscarem emprego, além de possíveis contextos de violência e ocupação irregular das vias públicas onde os migrantes venezuelanos estavam (e estão) se aglomerando.

Diante dessas questões, tanto o conteúdo sobre a história de Roraima no geral quanto os processos migratórios em especial serviram como base para que os alunos pudessem construir aprendizagens históricas onde, ao interpretarem o passado, estivessem usando o presente e pudessem referendar o futuro, assim como observa Jörn Rüsen em seus estudos sobre a construção da consciência histórica (2009). Ao eleger o tema central, que era os processos migratórios dentro da história de Roraima, delimitações foram feitas, tais como dar destaque para o papel dos migrantes (mulheres e homens) na construção histórica de Roraima a partir de contextos específicos como anos 1980, 1990 e início dos anos 2000, sendo isso feito através da pesquisa de campo realizada pelos alunos. Com relação aos objetivos de aprendizagem, dividi-los em duas vertentes. A primeira diz respeito aos aspectos técnicos relacionados ao conteúdo curricular necessário para fundamentar a abordagem sobre migração no estado de Roraima. De forma geral, os alunos deveriam estudar a história de Roraima em seus aspectos políticos, sociais, econômicos e culturais, englobando os povos que aqui já viviam antes da chegada dos primeiros colonizadores até os dias atuais, além de identificar os aspectos econômicos que fundamentaram a ocupação territorial do espaço roraimense e que motivaram os migrantes a vir para a região e permanecer nela a partir da década de 1980, 1990 e início dos anos 2000. Também deveriam analisar, a partir da pesquisa de campo (entrevista com migrantes através da metodologia da história oral) as regiões que mais contribuíram com as correntes migratórias para o estado de Roraima entre as décadas de 1980, 1990 e início dos anos 2000; estabelecer relações entre as regiões de partida e de chegada dos migrantes percebendo a cultura como elo entre elas; identificar as características culturais que estão presentes na história de Roraima, mas que são contribuições dos migrantes sendo incorporadas pelos roraimenses (nascidos no estado).

A segunda vertente para abordagem sobre migrações diz respeito aos aspectos relacionados a valores relativos aos direitos humanos e democracia, diversidade cultural: respeitar a diversidade social e cultural representada pelo migrante já que, com suas individualidades, construíram a história do estado; desenvolver a empatia como forma de percepção do outro por meio do conhecimento da história de vida dos sujeitos que são determinantes no contexto econômico, político e social; aprender na prática que não são apenas os líderes políticos que são protagonistas do conhecimento histórico, mas também pessoas comuns do cotidiano que, com suas ações, ajudam a construir os contextos históricos locais ou nacionais; Interagir com a história do migrante tanto no contato pessoal (quando da coleta de dados) quanto no momento em que estivessem interpretando e escrevendo a respeito da vida do migrante e do processo de mudança que o marcou; refletir sobre os contextos históricos que permeiam as idas e vindas dos migrantes e em como a memória individual se torna também, uma memória coletiva quando a história de cada migrante é cruzada com as outras, mostrando necessidades e objetivos comuns a todos os pesquisados.

Na primeira etapa planejei trabalhar os aspectos teóricos do projeto através da utilização de textos e livros não didáticos como também a pesquisa virtual (Infoescola.com; roraimadefato.com, etc). Na segunda etapa, os alunos, munidos dos conhecimentos teóricos sobre a história de Roraima e as migrações, saíram a campo para executar a metodologia de História Oral na entrevista com o migrante. A terceira etapa seria a de transcrever e analisar os dados, e a quarta etapa a de produção do minidocumentário como também dos resultados da pesquisa. Os recursos materiais, além dos citados, foram os textos *Boa Vista/RR e as Migrações: Mudanças, Permanências, Múltiplos Significados* (Carla Monteiro de Souza); Apostila *Alguns Aspectos da História de Roraima* (Eli Macuxi); livro *História e Geografia de Roraima* (Aimberê Freitas); livro *Guia Prático de História Oral* (José Carlos Meihy e Suzana Ribeiro); celular e

computador. Ao final do projeto, a professora de língua portuguesa me ajudou a corrigir os textos dos alunos.

### **Diagnóstico**

A escola estadual presidente Tancredo Neves está localizada no bairro que possui o mesmo nome da escola. Esse bairro fica em região periférica de Boa Vista e se insere em um perímetro que envolve outros bairros populosos. A escola, por sua vez, atende 540 alunos no Ensino Médio, os quais pertencem, principalmente, à classe média baixa. A frequência dos pais em reuniões da escola ou eventos pedagógicos é pequena; além disso, a evasão escolar em 2016 foi de 21%, principalmente pelo fato do aluno arrumar trabalho e não poder conciliar com o horário da escola. Em se tratando do espaço, temos salas climatizadas e um espaço grande para reuniões e prática de atividades esportivas, além de biblioteca e sala de computadores a qual, infelizmente, tem apenas 1MB e onde, de 15 computadores, apenas 5 funcionam com perfeição. Nesse sentido, o uso da internet da escola para pesquisa é um problema, pois as turmas têm até 30 alunos o que dificulta o acesso deles a um computador que funcione. O fornecimento da merenda escolar é satisfatório e as instalações são limpas e adequadas a um ambiente educacional: alunos e funcionários são instruídos a manter a limpeza e conservação do local através de projetos e gincanas.

Em relação às duas turmas com as quais trabalhei em 2016/2017, digo que eram diferentes entre si tanto no comportamento quanto no comprometimento com as atividades pedagógicas. A turma 304 era a mais indisciplinada e eu tinha que chamar atenção, lembrar que o objetivo das aulas é estudar, refletir, aprender e ensinar. Ao anunciar o trabalho de pesquisa, ouvi reclamações de uns 5 alunos que disseram não ter tempo para fazer nada fora da escola. Um problema, muito sério por sinal, foi a dificuldade de interpretação que muitos alunos tinham e que percebi ser um fator determinante na desmotivação deles e até na falta de atenção nas aulas. Por outro lado, a turma 305 era o oposto da outra: alunos que realizavam as atividades propostas, leituras e participação nas aulas, além de terem um comportamento excelente, indo além do que era pedido. Para amenizar os problemas da turma 304, eu passei a trabalhar de forma mais personalizada com os alunos que tinham dificuldades de interpretação, e, além de trabalhar os textos na sala, passava atividades extras para eles exercitarem essa habilidade. O resultado dessa estratégia foi que eles melhoraram no aproveitamento e até a indisciplina geral diminuiu. Mesmo que a turma 304 tenha apresentado, no geral, maior dificuldade para fazer o trabalho, 80% da turma conseguiu entregar parte das produções associadas ao trabalho.

Durante o percurso do ano letivo, tivemos também a saída e entrada de novos alunos nas turmas e, para que os novatos se sentissem acolhidos no projeto, cada um que entrou nas turmas teve todas as informações a respeito das etapas trabalhadas e foram acompanhados mais de perto na realização dos trabalhos e atividades. No geral, a maior dificuldade relativa ao ensino-aprendizagem dos alunos foi a de interpretar os textos para fundamentação teórica do projeto de pesquisa e, depois, interpretar os dados associados à pesquisa: quando chamados à leitura compartilhada, demoravam a ler ou mesmo a falar sobre o assunto (de acordo com o texto). Quando a atividade era escrever sobre o assunto, alguns reproduziam literalmente o que já estava escrito pelo autor do texto, tendo dificuldades em refletir sobre a leitura e escrever com suas próprias palavras. Ao meu ver, o fato de terem uma grande dificuldade na interpretação de textos, provocou certa apatia em alguns alunos, pois, em História, leitura e reflexão a respeito do que se leu são a base da construção do conhecimento histórico escolar. Para melhorar a capacidade interpretativa, incentivei a leitura (mesmo que os alunos não gostassem) em voz alta e em silêncio, além de pedir a eles que explicassem oralmente e também sob forma escrita o que leram e ouviram. O diagnóstico inicial, sobre os conhecimentos prévios dos alunos a respeito do tema migrações e migrantes em Roraima, eu fiz de forma oral e escrita na aula em que abordei

esse tema associado ao garimpo, políticas públicas de povoamento na região e a realização de concursos públicos locais. Nessa aula, eu fiz perguntas aos alunos sobre o que eles sabiam dos migrantes ou das migrações no estado, se já tinham estudado esse tema ou se sabiam que, na história de Roraima, os migrantes tinham um papel expressivo na construção identitária da região. Constatei que a maioria dos alunos das duas turmas disseram nunca terem tido essa temática nas aulas de qualquer disciplina escolar; grande parte também disse nunca terem estudado a história de Roraima e os 5 alunos que disseram já ter estudado foi porque haviam sido meus alunos no 9º ano do Ensino Fundamental em 2013. Além da temática dos migrantes, eu perguntei aos alunos se já tinham feito pesquisa de campo na disciplina de História e a maioria nunca havia feito; os 5 que fizeram, foi em 2013 quando foram meus alunos (anexo).

## **Desenvolvimento**

Antes de iniciar os trabalhos referentes ao projeto Migrantes e Migrações na História de Roraima, eu expliquei aos alunos como seriam os procedimentos e o que faríamos em cada etapa, pois o objetivo era dividir os trabalhos/ações por bimestre, já que deveria resultar em dois produtos: um minidocumentário e uma narrativa histórica por dupla de alunos. A primeira etapa constituiu na fundamentação teórica do projeto em que o destaque foi para história de Roraima em seus aspectos gerais (políticos, econômicos e sociais). Nessa etapa, a primeira coisa que fiz foi pedir aos alunos que fossemos na sala de informática para pesquisarmos *sites* que disponibilizam aspectos da história do estado (InfoEscola.com; roraimadefato.com; Wikipédia.com, entre outros). Porém, somente 5 computadores estavam funcionando e, assim tivemos que usar os celulares. Feitas as leituras iniciais, os alunos anotaram os aspectos que acharam mais relevantes sobre o tema e levaram para uma mesa redonda onde debatemos os assuntos. Após, distribuí duas apostilas sobre o tema (Eli Macuxi e Aimberê Freitas) e fizemos leitura compartilhada e reflexão sobre o conteúdo. Posteriormente realizamos atividades escritas de interpretação com problematização dos textos, foi trabalhado também outros conteúdos do bimestre e teve a avaliação geral.

A partir do conhecimento dos aspectos gerais da história de Roraima tais como geografia, economia, política, cultura, colonização, contato dos nativos com colonizador e questões indígenas, adentramos na segunda etapa, com foco nos processos migratórios presentes na história do estado. Novamente fiz o diagnóstico sobre o conhecimento dos alunos a respeito desses processos, do migrante como um dos elementos fundamentais na construção da história e da cultura do estado (assim como já tinha feito quando comecei o tema geral história de Roraima). Segundo as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2008: 91), a prática docente do professor de História deve oportunizar aos alunos que *identifiquem elementos de compreensão de conteúdos históricos nas suas experiências sociais*. Assim, a abordagem dos processos migratórios veio em um momento em que alunos, professores e sociedade roraimense em geral assistiam/assistem com perplexidade a entrada em massa de venezuelanos que migram para o estado e estão a ocupar espaços urbanos como praças e avenidas. Ao falar sobre as migrações em Roraima, imediatamente os alunos (das duas salas) abordaram os migrantes venezuelanos nas ruas, falaram sobre a disputa que podem representar em vagas de empregos e, de forma pejorativa, indicaram o aumento da prostituição no bairro Caimbé como resultado da migração venezuelana. Nesse sentido, o assunto passou a ser discutido de forma desorganizada pelos alunos, porém passei a intervir perguntando a eles se sabiam os motivos pelos quais os migrantes atuais estavam vindo para Roraima e o que achavam dessa situação. Nesse caso, eles foram falando sobre a falta de comida no país vizinho, falta de emprego... alguns não quiseram se manifestar, enfim, houve muita discussão com alunos dizendo que a situação para o povo de Roraima iria complicar, pois mais gente aqui significava menos vagas de emprego disponível, aumento da violência, etc.

Diante de todas essas considerações, falei a eles que, no caso das migrações atuais, é necessário a observação atenta do processo e suas consequências, porém deveríamos analisar outros processos migratórios presentes na história de Roraima para compreender o atual como também conhecer como o migrante se sente em relação à mudança de local de moradia assim como em sua permanência em Roraima. Os alunos concordaram com o exposto, e, então, perguntei se eles sabiam que quase 50% das pessoas que vivem em Roraima (dados do IBGE) eram migrantes. Eles ficaram surpresos e, imediatamente perguntei se eles já haviam pensado no assunto. Nessa parte, alguns alunos da sala 304 disseram que já sabiam, pois no 9º ano (2013), haviam estudado esse tema dentro da história de Roraima sendo eu a professora. Perguntei a eles onde nasceram e 99% disse que era Roraima (das duas salas somente uma aluna tinha nascido em outro estado). Então, perguntei dos pais deles: Ceará, Amazonas, Maranhão, Pará, São Paulo, Rio Grande do Sul entre outros estados foram citados, porém o Maranhão foi o estado mais citado. Observei que, se eles eram roraimenses nascidos em Roraima, os pais eram migrantes e, provavelmente, vieram em períodos históricos nos quais as migrações foram intensas.

Nesse momento, disse a eles que faríamos um trabalho de pesquisa de campo junto aos migrantes que vivem em Roraima e que chegaram aqui nas décadas de 1980, 1990 e início dos anos 2000. Porém, antes de todos partirem para o campo em busca de do pesquisado, estudaríamos os processos de forma mais aprofundada na sala por meio de trabalhos científicos de uma professora da UFRR (Carla Monteiro de Souza) que trabalha diretamente com migrações em Roraima. Para essa parte do trabalho, distribuí o artigo *Boa Vista/RR e as migrações: mudanças, permanências, múltiplos significados*. Assim, fizemos leitura silenciosa num primeiro momento e, logo após, pedi aos alunos que dissessem qual o entendimento do texto. Nesse momento, a maioria disse que a linguagem do artigo era difícil de ser entendida e que compreender o assunto não seria fácil. Nessa ocasião, aproveitei para apresentar-lhes o artigo científico em suas partes: introdução, desenvolvimento, conclusão e referências bibliográficas e disse a eles que, entrando na faculdade, eles só iriam estudar textos como aquele assim como livros inteiros nenhum pouco parecidos com livro didático.

Usei essa apostila sob a ótica da informação científica contida ali e que interessava a mim e aos alunos, mas também como exemplo de um produto oriundo da pesquisa de campo: como ela trabalhava as datas e épocas, a contextualização histórica da chegada dos migrantes, como a autora analisou os dados e a forma da escrita, entre outros aspectos. Eles ficaram meio assustados, mas falei que aquele era o momento ideal para começarem a se familiarizar com o recurso. Passamos, então, a trabalhar com o conteúdo e as informações a respeito dos processos migratórios que constavam no material, sendo que pedi a eles que pesquisassem outros textos na internet quando chegassem em casa. Trabalhar com textos científicos não didáticos foi uma parte extenuante do trabalho, pois a questão da dificuldade de interpretação pesou: os parágrafos mais difíceis tinham que ser revistos mais de uma vez, a desmotivação foi um problema, enfim, acabei por ensinar técnicas de estudo em textos acadêmicos, o que os alunos gostaram. Passado o período da leitura e discussão dos conteúdos, fizemos atividades no caderno e, finalmente, fiz a exposição de como o trabalho seria realizado: em dupla, com o uso do celular como recurso tecnológico para gravação em áudio e vídeo. No quadro, coloquei as partes do projeto de pesquisa: problemática, objetivos, justificativa, fundamentação teórica, metodologia, cronograma e referências. Nesse caso, eu e as turmas fomos construindo o projeto mediante tudo o que já tínhamos estudado, tendo como problemática as questões que moveram os migrantes a virem para Roraima entre as décadas de 1980, 1990 e início dos anos 2000. Nesse contexto, estamos de acordo com as Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio (2006) nas suas formas de organização ao trabalhar a pesquisa como princípio educativo e pedagógico. Além disso, autores como Joaquim Antônio Severino e Estevão Severino (2013) ressaltam que os

alunos devem ter oportunizado pelos professores situações de aprendizagem onde possam atuar com produção científica, especialmente a pesquisa de campo.

Assim, o projeto foi feito de forma coletiva nas duas salas e, ao chegar na metodologia que seria utilizada para abordagem do pesquisado, observei que seria a Metodologia da História Oral. Os alunos não conheciam essa metodologia de pesquisa e, nessa questão, preparei uma aula de 2 horas em que juntei as duas turmas, tendo como finalidade apresentar a metodologia, abordando as questões éticas, técnicas e teóricas que a regem, além de ter distribuído um texto didático sobre o tema. A aula foi organizada no PowerPoint e eu utilizei projetor para dar mais visibilidade às questões tratadas. Também pedi auxílio ao professor da sala de informática para ser exemplo de entrevistado e pedi aos alunos que observassem meu comportamento, o posicionamento do celular com o gravador ligado em relação ao entrevistado, as perguntas que eu fazia, as respostas do entrevistado, enfim, foi um pequeno curso a respeito da metodologia da História Oral. Nessa aula, apresentei e distribuí a documentação que os alunos teriam que dispor para ir a campo já que, para usar a imagem e voz do entrevistado, teriam que ter autorização do pesquisado por escrito. Feito isso, abri para dúvidas a respeito do exposto aproveitando para relembrar e dar outras instruções sobre os procedimentos da pesquisa de campo: cada dupla deveria buscar um migrante que quisesse participar da pesquisa, podendo ele ser familiar de algum aluno, vizinho, professor, enfim, salientei que as duplas tinham liberdade para procurar pessoas que se encaixassem nas regras da pesquisa: ter vindo nas décadas de 1980, 1990 e início dos anos 2000 e que, na época da chegada em Roraima contassem com mais de 15 anos de idade. Expliquei, novamente, que essas regras derivavam do fato de que houveram períodos de intensas migrações como a do garimpo, políticas de povoamento e realizações de concursos públicos como já havíamos estudado e, na questão da idade, com 15 anos ou mais o indivíduo poderia traçar um paralelo de sua vida antes de chegar a Roraima e as mudanças que ocorreram com ele quando chegou, além de analisar como ele se encontra atualmente.

Ainda no tempo de aula, pedi aos alunos que já fossem preparando um roteiro simples para entrevista, pois, na sala de aula, faríamos correções e tiraríamos as últimas dúvidas antes da entrada em campo. Na aula seguinte, as duplas apresentaram seus roteiros e juntos (anexos) fizemos as correções em que cada dupla foi atendida de forma personalizada. Aproveitei o tempo para reforçar as orientações a respeito do contato do aluno pesquisador com o pesquisado, comportamento, posicionamento físico e uso dos recursos do celular. Também orientei no sentido de que a dupla deveria dividir os trabalhos: enquanto um fazia a entrevista, o outro fazia a filmagem com apenas o entrevistado aparecendo no vídeo, pois não deveriam esquecer que faríamos um minidocumentário com todos os pesquisados para apresentar publicamente na escola. Os alunos tiveram 15 dias para proceder com a pesquisa de campo uma vez que, quando fechamos os roteiros (anexo), cada dupla já tinha conseguido seu entrevistado. Passado o período de pesquisa, os alunos entregaram o material bruto composto pelo vídeo e o áudio da entrevista, o qual fez parte da avaliação bimestral.

Terminado o 2º bimestre, vieram as férias e, ao iniciarmos o 3º bimestre, iniciamos a 3ª etapa do projeto. Essa etapa se constituiu como a da análise dos dados, na qual ensinei a transcrição da pesquisa de áudio para o escrito, assim como preparei uma aula onde apresentei a Análise do Discurso como método de analisar as falas dos entrevistados. Escolhi esse método por considerá-lo mais fácil de ser ensinado aos alunos, porém, mesmo assim, eles acharam difícil de compreender. No entanto, apesar das reclamações, o básico foi apreendido considerando que eles não sabiam que existem métodos para analisar discursos em pesquisas com narrativas orais. Sobre essa questão, pretendi que os alunos de cada dupla usassem as técnicas de análise dos dados para escreverem um texto final que relacionasse os processos migratórios passados,

utilizando a entrevista oral, com as migrações atuais em que os mesmos pudessem observar o papel que a figura do migrante possui na história do estado além das contribuições que esse sujeito trouxe/traz para cultura, economia e sociedade de modo geral. Após a abordagem sobre método de análise dos dados, os alunos passaram a trabalhar na transcrição dos áudios e, feito isso, usar a transcrição como fonte de apoio para escrever o texto final da pesquisa. Para esses objetivos, usei duas aulas de 1h cada além de passar a continuidade da tarefa para fazer em casa. Continuei as aulas com outros conteúdos e atividades, porém, no final do bimestre, os alunos deveriam me entregar a transcrição digitada e identificada (anexo) juntamente com uma prévia do texto final. Essa atividade se constituiu como nota atribuída no bimestre para trabalho em grupo. Finalizado o 3º bimestre, iniciamos a etapa final do trabalho onde deveríamos trabalhar no minidocumentário e nos textos finais. Para produzirmos o minidocumentário, organizei uma aula para cada turma do projeto na sala de informática onde os alunos ocuparam os computadores com internet para verem os vídeos e para que estudássemos como fazer as edições. Nesse momento, três alunos que são *experts* em informática, ensinaram os colegas da sua sala e da outra a trabalhar com edição (anexo). Eu e os alunos fizemos um roteiro onde constasse o que queríamos que fosse mostrado na edição: Tomada 1: Entrevistado fala nome e idade (10 pessoas); Tomada 2: Entrevistado fala de onde veio e em que ano (10 pessoas); Tomada 3: Entrevistado fala por que veio para Roraima (10 pessoas); Tomada 4: Entrevistado fala como é sua vida em Roraima e o que sente vivendo aqui (10 pessoas). Feito o roteiro, passamos a analisar os vídeos para fazer os recortes necessários. A indicação era que esse vídeo não ultrapassasse 5 minutos de duração, pois seria exibido no encerramento das atividades escolares em janeiro de 2017 e cada turma apresentaria o seu minidocumentário (anexo). Obviamente que uma aula apenas não foi suficiente para organizar o trabalho com vídeo, sendo necessário que os alunos se reunissem na escola em horário oposto para terminar o trabalho. Acredito ser importante esclarecer que em 2015 fiz um curso da Fundação Joaquim Nabuco sobre direção de documentários e, a partir disso, almejei ensinar os fundamentos básicos da técnica e dos objetivos desse tipo de filme aos alunos. Assim, esse trabalho se constituiu como a oportunidade adequada para ensinar os alunos a construir um documentário onde eles fossem os roteiristas, cinegrafistas e editores das imagens. Por outro lado, havia ainda a finalização dos textos que todas as duplas deveriam entregar com a análise contextualizada das migrações em Roraima.

Marquei com os alunos uma aula (em cada turma) para que trabalhássemos nos textos, já que eles relataram muitas dificuldades na escrita do trabalho e precisavam de ajuda. Iniciada a aula, peguei uma entrevista realizada por mim e passei a analisar o teor do discurso como exemplo para que a turma entendesse como proceder com a escrita do texto; depois, cada dupla, munida de suas transcrições, foi atendida por mim de forma personalizada no sentido de tirar dúvidas, falar sobre as ideias para começar o texto, entre outros. Nessa aula me ocorreu que, além do texto de caráter analítico, os alunos poderiam escrever a história da vida do migrante na qual os fatos narrados se constituíram como base para reconstruir a história de cada um deles. Além disso, esses trabalhos poderiam ser publicados, caso tivessem a qualidade que eu acreditava que teriam. No caso, os alunos analisariam os dados, mas, ao invés de escreverem apenas um texto explicando o contexto histórico (como se fosse um texto acadêmico), eles escreveriam um segundo texto no qual recriariam a história de vida da pessoa entrevistada, fazendo uma homenagem a ela. Quando lancei a ideia para os alunos, falando do novo texto e do estilo da escrita que eles produziriam, gostaram imediatamente. Dessa forma, finalizamos o texto analítico, e passei a explicar a organização do novo texto requerido: introdução, desenvolvimento e conclusão. Falei sobre as informações que deveriam compor a introdução, como fazer o desenvolvimento e como concluir. Aproveitando a ocasião, perguntei o que achavam da possibilidade de terem seus trabalhos reunidos em um livro (anexo 2). Nessa parte, fica muito difícil descrever o que esses alunos sentiram: ficaram eufóricos com a perspectiva de serem

autores de uma história em livro formalizado e disseram que seria o auge do Ensino Médio. Sorrisos encheram a sala, e quando falei que, como autores, faríamos um lançamento com toda formalidade do momento (anexo 2), ficaram ainda mais motivados a fazer o trabalho. Devo dizer que, na sala 304, alguns alunos não gostaram da ideia e até mesmo nem entregaram esse texto, porém a maioria dos alunos fez o trabalho movidos pela ideia de que, além da nota, poderiam ser escolhidos para compor o livro que eu disse a eles que organizaria.

Assim, as duplas iniciaram seus textos na aula e foram orientados a continuar com a atividade em casa. No decorrer dessa atividade final, orientei a eles que deveriam me mandar via WhatsApp ou *e-mail* para que eu fosse corrigindo e dando dicas sobre a escrita, pois nosso objetivo era que a história saísse o melhor possível. Também pedi à professora de língua portuguesa que os ajudasse corrigindo as histórias e dando dicas para narrativa. Acredito que o fato de não serem leitores praticantes trouxe dificuldades para algumas duplas, pois o vocabulário reduzido e a composição dos textos sem muitas regras gramaticais os fez refazer as narrativas várias vezes. Finalmente, estabeleci a data final de entrega dos trabalhos e, no dia marcado, a maioria das duplas entregou, sendo que outras, pediram mais prazo. Devo esclarecer que todas as etapas desse trabalho estiveram condicionadas a avaliação bimestral, pois sabemos que a maior motivação dos estudantes é ter a nota.

Observando as estratégias para despertar o interesse dos alunos no trabalho, o uso de tecnologias associadas à pesquisa de campo e centralizadas no *smartphone* mostrou aos alunos que o celular não serve apenas para redes sociais: ele tem uma utilidade prática e didática também. Além disso, a filmagem dos entrevistados para comporem um minidocumentário, editado pelos próprios alunos favoreceu a aplicação de tecnologia para fins de aprendizagem. Tal situação inclusive diminuiu bastante a indisciplina da turma 304, que esteve mais interessada na parte da construção do minidocumentário (anexo 2). O fato de haver a possibilidade de terem seus nomes em trabalhos reunidos em um livro foi de uma motivação sem igual para maioria dos alunos que, desde o lançamento da ideia, passaram a trabalhar nos textos dia e noite, mandando-os para correção e exigindo rapidez no retorno. Essa motivação toda para ter um trabalho impresso no livro fez com que os alunos se sentissem importantes, valorizados em seus conhecimentos e levantou a autoestima deles, pois anunciavam a todo mundo que iriam estar num livro como escritores. Além disso, fazer uma pesquisa de campo foi algo que gerou interesse na maioria dos alunos, que se tornaram produtores do conhecimento histórico escolar e aprenderam todos os passos da realização de uma pesquisa científica. Sobre a diversidade de conhecimentos da turma, o fato de fazerem trabalho em dupla auxiliou a troca de conhecimentos entre os alunos que ajudaram uns aos outros. Além disso, os debates nas aulas e a participação dos alunos na condução do trabalho fez com que cada um pudesse contribuir com seus saberes.

Como já mencionado, a dificuldade de interpretação era um fator problemático e, para melhorar isso, trabalhei muita leitura e discussão de texto com eles. Como professora, procurei atender a todos os alunos em suas dificuldades, estando sempre à disposição nas redes sociais para tirar dúvidas. No decorrer do ano letivo, alunos entraram e saíram das turmas e, para integrar os novatos, a cada um eu passava o projeto, os textos trabalhados e o que estávamos fazendo naquele momento. Tanto é que os que entraram no início do 4º bimestre puderam fazer a pesquisa de campo e ainda escrever as narrativas, pois fiz acompanhamento fora das aulas. Em relação à necessidade de adaptação ao planejamento inicial, houve mudanças, pois não contava com a dificuldade de interpretação dos alunos sendo necessário mais tempo de aula para trabalhar nessa questão. Também o fato de eu modificar o estilo de texto a ser entregue pelos alunos no 4º bimestre é exemplo de mudança no planejamento, pois observei que eles estavam tendo muita dificuldade para fazer um texto mais técnico. Assim, fez-se necessário tornar o estilo do texto mais simples, porém sem deixar que os dados da pesquisa ficassem em segundo plano.



Dessa forma, os alunos continuariam no exercício da análise dos dados ao mesmo tempo que mobilizariam muito da criatividade para escrever.

Sobre momentos significativos, foram vários, mas considero que ver os alunos interessados no trabalho, trocando informações com os colegas, recorrendo à professora de português e a mim para corrigirmos os textos que estavam escrevendo foi a melhor coisa. Como professora de História, quero que meus alunos gostem da disciplina, se interessem em desvendá-la e, vejam-na como significativa em suas vidas. Por tudo isso, lancei esse trabalho desafiador para eles, pois a maioria nunca tinha feito pesquisa de campo, não conhecia a história de Roraima e nem havia se dado conta de que esse estado é um estado de migrantes (anexo).

## **Avaliação**

### **Aprendizagem**

Ao falarmos sobre avaliação, devemos lembrar os objetivos gerais do trabalho evidenciando as formas de avaliação adequadas. Nesse sentido os objetivos foram: 1. Estudar a história de Roraima em seus aspectos políticos, sociais, econômicos e culturais, englobando os povos que aqui já viviam antes da chegada dos primeiros colonizadores até os dias atuais, além de identificar os aspectos econômicos que fundamentaram a ocupação territorial do espaço roraimense e que motivaram os migrantes a vir para a região e permanecer nela a partir da década de 1980, 1990 e início dos anos 2000. Para esse objetivo, alcançado pelos estudos teóricos na primeira etapa, os alunos fizeram trabalho em sala de aula, em grupo, problematizando o tema através da construção, por eles mesmos, de 15 perguntas sobre a economia, política, cultura e sociedade em Roraima. Ao realizarem o exercício, sendo as perguntas corrigidas pela professora aqui, fiz a troca de atividade em que um grupo respondeu a atividade do outro. Esse trabalho teve valor de 15 pontos. Além disso, houve atividades no caderno sobre os assuntos trabalhados e, juntamente com outros conteúdos, o valor atribuído a todas as atividades realizadas e corrigidas de forma oral e, por mim, no caderno, somaram 25 pontos.

Na prova objetiva, todos os assuntos trabalhados no bimestre estavam presentes (valor 30). Para o trabalho individual, cada aluno procedeu uma produção de texto de uma página, com a temática da questão indígena do estado de Roraima, valor 10. Os 20 pontos restantes, são relativos à pontualidade, assiduidade, realização das tarefas na data marcada, comportamento e já estão previstas no regimento escolar. Em todas as atividades, meu papel foi o de orientar os alunos e fiscalizar os trabalhos para que não copiassem da internet e, assim, mostrassem as aprendizagens relativas ao objetivo proposto. Devo salientar que todos os trabalhos aqui descritos foram realizados na sala de aula, sob minha supervisão.

Relembrando os outros objetivos: 2. Analisar, a partir da pesquisa de campo (entrevista com migrantes através da metodologia da história oral) as motivações que trouxeram migrantes a RR e às regiões que mais contribuíram com as correntes migratórias para o estado nas décadas de 1980, 1990 e início dos anos 2000; 3. Estabelecer relações entre as regiões de partida e de chegada dos migrantes percebendo a cultura como elo entre elas; 4. Identificar as características culturais que estão presentes na história de Roraima, mas que são contribuições dos migrantes sendo incorporadas pelos roraimenses (nascidos no estado). Os objetivos aqui descritos estão ligados à prática da pesquisa de campo, presente na segunda e terceira etapa do trabalho. Para avaliar se o aluno abordou as motivações, a região de origem dos migrantes, analisei os roteiros de entrevista e as transcrições das falas dos pesquisados além de fazer perguntas de forma oral as duplas. Na prova, houve perguntas sobre as regiões que mais contribuíram com os processos migratórios em RR como também sobre as características culturais que hoje estão presentes na sociedade roraimense, mas que são identificadas em outras regiões do Brasil, como, por exemplo, o Nordeste. No caderno, atividades relativas à prática da pesquisa de campo, questões

sobre os processos migratórios das décadas já citadas, além de abordagens sobre o processo migratório atual estavam presentes e foram respondidas pelos alunos sob forma de atividades. Além disso, a entrega do material bruto de pesquisa (áudio e vídeo) tiveram valor de 20 pontos atribuídos quando eu avalei o conteúdo desse material, pois os alunos tiveram aulas sobre metodologia, roteiro e procedimentos da pesquisa e uso dos recursos tecnológicos de áudio e vídeo e, assim, tais aprendizagens de acordo com aquilo que lhes foi ensinado deveriam ser avaliadas no material bruto.

A respeito da segunda vertente para abordagem sobre migrações, dos aspectos relacionados a valores relativos aos direitos humanos e democracia além da diversidade cultural temos: 1. Respeitar a diversidade social e cultural representada pelo migrante já que com suas individualidades construíram a história do estado; 2. Desenvolver a empatia como forma de percepção do outro por meio do conhecimento da história de vida dos sujeitos que são determinantes no contexto econômico, político e social; 3. Aprender na prática que não são apenas os líderes políticos que são protagonistas do conhecimento histórico, mas também pessoas comuns do cotidiano que, com suas ações, ajudam a construir os contextos históricos locais ou nacionais; 4. Interagir com a história do migrante tanto no contato pessoal (quando da coleta de dados) quanto no momento em que estivessem interpretando e escrevendo a respeito da vida do migrante e do processo de mudança que o marcou; 5. Refletir sobre os contextos históricos que permeiam as idas e vindas dos migrantes e em como a memória individual se torna também uma memória coletiva quando a história de cada migrante é cruzada com as outras, mostrando necessidades e objetivos comuns a todos os pesquisados.

A existência de 5 objetivos de aprendizagens relacionadas a comportamentos e reflexão humanística, além de tornar os processos históricos passíveis de serem relacionados ao presente e ao futuro, segundo abordagem de Jörn Rüsen sobre a construção da consciência histórica (2009), tornou a avaliação da última etapa extremamente minuciosa. Esses objetivos deveriam estar presentes tanto no discurso dos alunos quanto na prática deles e, tais, foram relacionadas às atividades que tiveram que desenvolver: cada dupla de alunos teve que fazer um texto de 25 linhas referente à análise dos dados dos entrevistados, além de contextualizar com as migrações atuais em Roraima. Feito isso, as duplas trocaram os textos e uma leu o da outra procurando encontrar dados que fossem similares aos presentes no texto que cada uma escreveu. O texto escrito teve valor 10 pontos e compôs as atividades do caderno de cada aluno, porém o fechamento da atividade quando os alunos compararam seus textos com os dos colegas eu fiz no quadro com eles citando questões que apareciam nas entrevistas de modo geral: motivo de saída do local de origem, estados de origem, objetivos de vida, época em que chegou a Roraima e o que estava acontecendo aqui naquele momento, enfim, a participação oral foi excelente, pois cada dupla conheceu o trabalho da outra de modo que conseguiram comparar os dados obtidos. A nota aqui foi atribuída pela participação na aula.

Além dos textos do caderno, os alunos editaram o minidocumentário (anexo 2) com as imagens que obtiveram dos entrevistados resultando, assim, em um vídeo de 4 minutos. Esse vídeo foi feito em grupo e teve pontuação vinculada à participação do aluno em sala (observada por mim e detectada pelo diário de classe (até 15 pontos). A última atividade vinculada ao trabalho com migrantes foi a escrita da narrativa literária (com base nos dados da entrevista) onde os alunos, em dupla, escreveram a história do migrante que foi entrevistado por eles, usando linguagem literária como se fosse uma biografia dele. Esse trabalho teve um valor alto (20 pontos), e eu estive envolvida com ele para além da sala de aula, pois usei redes sociais e *e-mail* para receber e corrigir as narrativas (também tive ajuda da professora de português para esse trabalho, que deu dicas sobre a escrita, a linguagem a ser utilizada, entre outras questões vinculadas à língua portuguesa).

Eu sugeri aos alunos que lessem contos de Machado de Assis para que tivessem uma ideia da duração de uma narrativa literária curta (como é o caso do conto) além de observarem os dados da pesquisa como fonte essencial na construção da história. Alguns alunos não quiseram entregar esse trabalho, pois já tinham conseguido a nota para aprovação anual e disseram não estar interessados em bater cabeça, porém a grande maioria conseguiu entregar e obter sua nota. Desse modo, o trabalho foi finalizado com a entrega de 20 narrativas em que os alunos obtiveram notas de 0 a 30. Sobre esse trabalho da narrativa literária, devo dizer que, ao escrever as histórias dos migrantes, os alunos tiveram que mostrar sensibilidade na narrativa, reflexão sobre os acontecimentos que pautaram a vida de cada pessoa e utilizar sua interpretação para proceder a escrita. Nesse sentido, a avaliação foi com base no conceito das aprendizagens históricas e construção da consciência histórica (difundida no Brasil pela prof. Maria Auxiliadora Schimdt/UFPR) e na construção dos saberes históricos escolares (abordado pela prof. Ana Maria Monteiro/UFRJ).

Ao avaliar os textos, observei a forma da escrita, a clareza de ideias, a contextualização histórica já estudada, os tempos refletidos na narrativa e o encadeamento das ideias. Busquei confrontar a história com os dados da transcrição e com os vídeos que me entregaram. Feito isso, concedi a nota a cada dupla e escolhi 15 narrativas para compor o livro, que recebeu o nome de *Histórias Cruzadas*, lançado em 20 de agosto de 2017 em uma livraria do Shopping Garden, em Boa Vista-RR (anexo 2). Nessa ocasião, os alunos que escreveram as narrativas autografaram seus livros, os migrantes entrevistados, pais, amigos e familiares e comunidade local receberam exemplares do trabalho, que foram entregues na escola a alunos e interessados em conhecer esse trabalho (anexo2). Como *feedback* dos alunos que fizeram o trabalho, temos uma pesquisa que realizei com eles após o término dos trabalhos no qual não se identificaram e puderam discorrer livremente sobre os temas de cada uma das 6 perguntas feitas (anexo). Também usei o aplicativo WhatsApp para pedir que dissessem o que aprenderam com o trabalho, e recebi respostas como essa: “Este trabalho foi uma experiência maravilhosa. Através dele pude conhecer a história de um rapaz, que passou por muitas dificuldades, que não são meramente exemplos de superação, como também a prova de que sonhos podem se tornar realidade. O entrevistado é um imigrante, mas ao ouvirmos a sua história percebemos o quanto é familiar: é o reflexo da história de muitos que vieram para Roraima em busca de uma vida melhor, de realizar e idealizar sonhos. Foi muito bom fazer parte desse trabalho, de adquirir conhecimentos, através da prática de ouvir e vivenciar a realidade de outras pessoas, de se colocar no lugar delas, e também aprender um pouco da formação da sociedade Roraimense, formada por pessoas de vários lugares, e de como estas fizeram de nosso Estado um lugar acolhedor, onde a oportunidade é igual para todos”. (Graciele, aluna da turma 305, 18 anos).

Ao refletir sobre minha prática, penso que, sendo professora de escola pública, devo promover a qualidade do ensino para que, com isso, os alunos tenham oportunidades mais igualitárias se comparados aos outros alunos da rede privada. Nesses 15 anos de exercício da profissão em sala de aula, tenho usado a aplicação da teoria na prática tanto da na área da educação (sou mestre em educação) quanto na área da História (sou graduada em licenciatura plena de História) e aprendido muito com o vínculo que une professora e alunos que é, antes de tudo, profissional, mas também de empatia e observância das necessidades dos mesmos. Dessa forma, a cada ano letivo procuro desenvolver trabalhos que estimulem a criatividade do aluno, sua responsabilidade na condução dos trabalhos propostos assim como tento mostrar que seu papel é fundamental na construção do ensino e aprendizagem na disciplina de História e nas outras disciplinas. É meu costume também fazer pesquisa sobre as aprendizagens dos alunos a partir dos conteúdos curriculares ensinados em sala, sobre o que pensam a respeito dos trabalhos que fazem como também sobre a disciplina de História e sua importância na vida cotidiana. Essas

pesquisas resultam em artigos publicados em anais de eventos científicos da área de História, Ensino de História e Educação, em que vou buscando mostrar o que os alunos pensam da escola, da disciplina e dos conteúdos. Nesses eventos, vou com recursos próprios, porém peço e recebo autorização da Secretaria Estadual da Educação para tal.

Em julho e agosto de 2017, em eventos nacionais (XXIX ANPUH e XVII Jornadas da Educação Histórica), apresentei o trabalho que aqui está relacionado, no qual faço uma análise teórica das aprendizagens históricas que os alunos desenvolveram nessa prática. Sobre o trabalho que aqui descrevo, tenho certeza que foi um desafio para os 50 alunos que compunham as duas turmas participantes, porém em nenhum momento pensei que não seriam capazes de realizar, pois foi por acreditar na capacidade de todos que propus um trabalho tão desafiador, de grande responsabilidade (já que estariam lidando com a memória das pessoas e naquilo que elas possuem de tão importante em suas vidas, que é a história de vida de cada um), onde os estudos que fundamentaram a pesquisa de campo foram exaustivos e com muitas dificuldades de interpretação (obviamente ultrapassadas com mais horas de leitura e discussão do assunto).

Quando pensei no trabalho para essas duas turmas, visualizei os trabalhos finais apresentados ao público escolar, na satisfação que esses alunos teriam ao verem seu trabalho ser valorizado por ter sido bem feito. Eu acredito que a escola não é um local de decorar coisas, muito menos de reproduzir conhecimentos acadêmicos e, por isso, proponho atividades e trabalhos que não possam ser alvo de cópia, além de corrigir e ler tudo o que eles escrevem, apontando erros, dando sugestões e detectando cópias de trechos ou do livro didático (caso eles façam). Nesse trabalho, até aqueles que reclamaram das atividades, acabaram por aderir, pois viam os outros motivados e, como me acham exigente, não queriam perder nota na avaliação e nem ficar para trás dos outros que estavam envolvidos. É certo que enfrentei mais dificuldades com alunos que não quiseram fazer a última atividade do projeto (foram 6), pois, já que estavam com nota suficiente para aprovação, não acharam importante escrever a história do migrante. Fiquei muito chateada com essa situação, mas não podia obrigá-los. Atualmente, ao verem que seus colegas se tornaram autores em um livro, vieram me dizer do arrependimento que sentiram por não terem participado. Penso que isso pode servir de exemplo para outros alunos que, no futuro, tiverem a oportunidade de passar por essa experiência didática e de vida.

Em relação à questão de atingir o objetivo geral do projeto, tenho certeza comprovada de que foi atingido com louvor, pois as atividades textuais, o comportamento dos alunos em relação à pesquisa que fizeram, as falas deles fundamentadas no respeito à diversidade cultural representada no migrante, a abordagem da atual situação migratória em Roraima, mostraram uma mudança argumentativa tanto no discurso quanto na realidade prática dos mesmos. Além disso, todos os alunos que entraram no decorrer do ano letivo participaram do projeto, fazendo a pesquisa até mesmo depois dos outros (porque chegaram em período posterior a sua realização) só para poderem escrever suas narrativas finais.

Em relação à continuidade do trabalho, tenho tido muitos pedidos de alunos desse ano de 2017, para trabalhar em algo parecido, pois eles amaram o livro e o minidocumentário dos alunos de 2016. Para esse ano, coloquei o conteúdo História de Roraima para o 3º ano e o recorte trabalhado é a História das Mulheres de Roraima, no qual partiremos da violência contra a mulher recorde do estado. Também penso em voltar ao tema migrações quando esse processo migratório atual de venezuelanos diminuir ou terminar para que os alunos comparem, em campo, os processos migratórios das décadas anteriores (1980, 1990 e 2000) aos dos anos de 2016/2017. Claramente esse trabalho não ensinou apenas aos alunos envolvidos, mas me ensinou que, com organização e trabalho sério, comprometido com as aprendizagens históricas requeridas pela disciplina de História, podemos ir além e transpor os muros da escola.

Ao considerar a possibilidade de reunir atividades dos alunos em um livro, fazendo dele um marco na vida dos mesmos e de suas famílias, objetivei mostrar também que a escola pública pode proporcionar um ambiente de aprendizagem que redunde em qualidade e valorização social. O livro com as histórias dos migrantes é um livro para toda sociedade roraimense e brasileira que tem na escola pública, o lugar mais importante de construção de sonhos e objetivos de vida. A experiência desse trabalho no ano letivo 2016 me mostrou que ao fazer um bom trabalho de orientação, ouvindo os alunos nas suas dúvidas e necessidades a respeito do fazer a pesquisa, dos conteúdos a serem mobilizados no campo prático, mesmo que excedam o limite do tempo da sala de aula (eles podiam recorrer a mim através de redes sociais e Whatsapp a qualquer momento) teve resultado surpreendente e mais: eles entenderam o sentido prático da História na vida de todos nós, além da experiência de vida, de respeito às pessoas que tem culturas diferentes, valorização do outro, do migrante na história da região, entre outras aprendizagens que certamente irão levar para o resto de suas vidas. Essa experiência só me fez acreditar ainda mais que, com profissionalismo e responsabilidade na vida docente, podemos, como professores, levar os alunos a alcançarem lugares que, talvez, nunca tenham sonhado estar como é o caso de estarem como autores em um livro formalizado e de abrangência nacional. Os problemas como a dificuldade de interpretação, de indisciplina de alguns alunos, reclamações sobre o trabalho ser difícil, não afetou os objetivos propostos para maioria e, mesmo que alguns quisessem o mais fácil, tiveram que fazer o trabalho. No entanto, o mais importante foi que, no decorrer da ação, mudaram de ideia a respeito de sua importância e finalizaram com suas narrativas que foram inseridas no livro.

Como profissional do campo da Educação, desenvolver práticas docentes que estejam em concordância com o que diz no art.1º, §2º da Lei nº 9.394/96 (LDB), onde, para o Ensino Médio se prevê, entre outros pontos, o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico, é, antes de mais nada, contribuir para efetivação de uma sociedade mais comprometida tanto com o respeito mútuo entre seus membros quanto nos posicionamentos políticos mais sólidos e democráticos. Em outro ponto, do artigo da LDB acima citado, temos que essa modalidade deve favorecer “o desenvolvimento das competências para continuar aprendendo, de forma autônoma e crítica, em níveis mais complexos de estudos”. Tal questão acredito que foi plenamente contemplada quando ensinei a eles o processo de pesquisa em todas as suas partes, e, desse modo, compreenderam como articular práticas que têm uma teoria e a realidade como ponto de partida. Nesse sentido, o resultado dos trabalhos que os alunos fizeram são uma recompensa profissional para mim, pois, sendo exigente do jeito que sou (os alunos acham isso), reconhecer no trabalho dos alunos a excelência, gerou uma satisfação e mais motivação em continuar aplicando projetos em todos os níveis da educação básica onde atuo. Finalmente posso dizer que, de forma geral, o campo da educação básica pública ainda requer uma mudança estrutural com a participação de todos os sujeitos envolvidos. Como já mencionei aqui, o maior problema (já comprovado por pesquisas diversas) é a dificuldade que o aluno tem em interpretar textos simples, o que gera uma desmotivação em ler e redunde em notas baixas no Ideb. Passei por isso com os alunos do ano de 2016 e venho passando com os deste ano, porém a leitura e reflexão são hábitos nas salas onde dou aula mesmo que os alunos não gostem. Há uma necessidade latente em desenvolver essas competências e, mesmo que eu dê aula no Ensino Médio, não me recuso a trabalhá-las na sala de aula porque é algo que faz diferença tanto no mundo do trabalho quanto na vida cotidiana de cada um de nós.

### **Reflexão**

A experiência que aqui relato e que vivi com os alunos do Ensino Médio, 3º ano, ano letivo de 2016, pode, perfeitamente, ser replicada por outros professores e por outras escolas públicas do

país. Os aspectos didáticos, demonstrados através das atividades que os alunos fizeram e que por mim foram corrigidas à exaustão, são simples e de fácil aplicação, porém os alunos devem estar sob orientação o máximo de tempo possível para que sejam atendidos em suas dificuldades. O fato de terem que escrever a história do migrante como última atividade do projeto objetivando compor o livro (além de produzirem e editarem um minidocumentário com imagens gravadas na entrevista) foi algo inspirador para todos, pois talvez esse tenha sido o momento de maior reflexão que tiveram que fazer sobre a história que o entrevistado lhes contou. Acredito que, para os alunos, ouvirem a história do migrante, pensar sobre o que ele contou e reescrevê-la usando sua criatividade, mas sem fugir dos fatos reais narrados pelo entrevistado, foi um exercício mental e ao mesmo tempo de desenvolvimento da empatia e de construção do respeito ao outro em suas singularidades (momento esse de se reconhecer através da história do outro).

Para que um trabalho como esse seja replicado é necessário que o professor acredite no potencial dos alunos como também no apoio que a gestão da escola pode oferecer, pois esse é um trabalho relativamente grande e que precisa de apoio institucional. O livro que trouxe o trabalho dos alunos foi financiado com verba pública do ProEMI (Programa Ensino Médio inovador) e é uma obra que serve a toda sociedade, sendo distribuída de forma gratuita na comunidade, para os alunos da escola e todos os interessados. Nesse caso, a verba que se destina à concretização de projetos inovadores e estimuladores do processo ensino aprendizagem é de grande valia, pois auxilia no desenvolvimento da escola e dos alunos. Para um bom projeto pedagógico, considero que os professores devem estar sempre atentos à questão da contextualização da realidade para trabalhar com História provocando a construção de significados à experiência da sala de aula a qual envolve tanto os alunos quanto o professor. Sobre a dificuldade em replicação do trabalho creio que a maior está em conduzir a construção dos textos pelos alunos e, ao final, corrigir e organizar os trabalhos. Também existe uma dificuldade quando os alunos têm problemas em relação a interpretação de textos, porém isso pode ser amenizado com trabalhos em sala que desenvolvam tal habilidade como leituras e discussões orais sobre os temas. Na construção de documentários, a maior dificuldade está na roteirização, que é o processo teórico antecedente da filmagem, porém esse é um processo que estimula a reflexão e a criatividade dos nossos alunos. Aos professores que poderão se inspirar, digo que podem esperar uma aprendizagem significativa, com qualidade, onde o aluno é o protagonista da construção de aprendizagens, sentindo que pode fazer ou melhor, que pode realizar o melhor trabalho de sua vida escolar. Os alunos precisam acreditar que podem fazer por eles mesmos e ver em nós, professores, o apoio necessário a concretização das atividades que damos a eles (como foi esse desafio). Nós, profissionais, estamos ali para orientá-los e motivá-los a fazer aquilo que eles já sabem fazer, mas que ainda não foram desafiados a fazê-lo.